

14-03-2025

SEGREDOS DE ARATU

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

De nossa conversa em Belmonte, quando contei o que estava fazendo e o que eu queria fazer, Artur me falou das marisqueiras da Ilha de Maré. Hoje, 15 anos depois, acompanhando as conquistas dessas mulheres guerreiras, nos últimos anos, me sinto orgulhoso de tê-las conhecido em 2009, quando eu ainda era um pesquisador clandestino, não sei se falsificado, disfarçado ou mero bisbilhoteiro ridículo e óbvio. De Belmonte à Ilha de Maré são 370 km. Eu já era um viajante com 9 pra 10 dias de viagem. Lembrei de Amundsen, um norueguês doidão que chegou ao polo sul num trenó puxado por cães em 1911.

O cara desapareceu anos depois (em 1918), em outra maluquice no polo norte. Nunca mais foi encontrado. Eu já estava exultando com minha viagem. Mas, achei que eu desapareceria na Bahia. Já via a manchete: *“Desapareceu querendo fazer faculdade”*. Ainda bem que não. Ilha de Maré é parte de Salvador. Mas, desde minha conversa com Maria Laura eu havia decidido não parar em nenhuma capital e nenhuma cidade palitório. Nos meus pensamentos durante a viagem, conhecendo aquelas pessoas simples das periferias e áreas rurais me incomodava lembrar o quanto eu era um vendedor de palitos.

Tudo bem que eu ganhei meu dinheirinho e eram palitos bem grandes de concreto, alguns até bonitos e confortáveis, mas foram virando palitões na minha cabeça. Pessoas comuns chamam de edifícios, arranha-céus. Cheguei a pensar que os seres humanos se transformavam nesses bichinhos tipo cupim que eu conhecia como broca. Nos palitões as pessoas viram broca. Pessoas-broca geralmente votam em qualquer um pensando num palito maior pra terem o que comer sempre mais. Por isso fui direto pra Ilha de Maré. Artur me deu as coordenadas. Disse que eu devia chegar ainda de dia pra conseguir hospedagem em alguma pousadinha ou em alguma casa de pescador. Como não ia dar pra chegar de dia fui direto pra São Tomé do Paripe onde se pega o barco pra Maré. Dormi lá pra sair bem cedo. A travessia é rápida, acho que levou uns 20 minutos. Chegando, logo conversei com o pessoal dos barcos dizendo que eu era pesquisador universitário e queria conhecer o trabalho das marisqueiras.

A essa altura eu já me sentia um mentiroso profissional (do bem, tudo bem, mas mentiroso). Um deles me apontou um senhor numa barraquinha: *fala com o Seu Terto*. Um rosto velho, cor de terra, encarquilhado, com dois faróis esverdeados reacendendo uma juventude longínqua olhou pra mim e sorriu dizendo *Diga*. Depois de repetir a minha ladainha de pesquisador ele perguntou onde eu ia ficar, quanto tempo ia ficar e se a minha pesquisa era financiada.

Enquanto eu estranhava a pergunta do financiamento, seu Terto logo foi dizendo que se não tinha financiamento da universidade, caso eu ficasse pra dormir, ele tinha um quartinho de visita bem limpinho e baratinho. Sua fala foi a decisão do meu dia que apenas começava. *Sim, seu Terto, vou ficar até amanhã.* Dona Maria Cleide, a marisqueira mulher de Terto, me disse que estava acostumada a receber muitos estudantes lá da Federal da Bahia e de outros lugares. E ela gostava muito disso porque sua filha também conseguiu chegar na faculdade por causa da *cota de preto*. Eu não entendi o que ela falou, mas não perguntei porque queria só ouvi-la. A Lei de Cotas nas universidades federais é de 2012. Naquele ano de 2009 eu nunca tinha ouvido falar disso, mas a Universidade Federal da Bahia já tinha implantado o sistema de cotas desde 2005, muito antes da lei federal. Só muito tempo depois compreendi aquele brilho nos olhos baianos daquela mulher magnífica. Ela me falou sobre o trabalho das mulheres marisqueiras da Maré. A forma como ela descreveu o fluxo do processo produtivo e a cadeia produtiva do aratu foi a principal lição que marcou e ainda marca minha vida profissional.

Pra trabalhar no mangue ‘cê tem que ter alguma coisa que eu num sei o quê. É mais que amor, é mais que o prazer depois da dureza, é mais que criar liga com as coisas do mundo. Em cima, o céu, a lua, o vento, o sol nascendo, a maré se indo e o tempo dizendo se dá ou num dá.... Faço um esforço, hoje, 15 anos depois, pra lembrar de detalhes da fala de Maria Cleide. Acho que estou sendo bem fiel ao que ouvi encantado.... *O bom de tudo é que sempre dá. O aratu sabe do seu destino de alimento e se oferece a nós sorrindo. Por isso a gente tem que trabalhar sorrindo com eles. Vosmicê como pesquisador sabe que o manguezal é um berçário de peixe, crustáceo, molusco, igual esse nosso quilombo aqui antigo da Maré que é o berçário de nós que viemos aqui pra continuar.* O aratu é um dos tipos de crustáceo (tem siri, uçá, chumbinho, sururu), mas parece que ele é mais carinhosamente cuidado. Talvez pelo nome do Porto de Aratu da região que estabeleceu uma relação de amor e ódio com a cultura e a preservação ambiental local. Ela falou sobre o papel do mangue como protetor da costa e filtro ambiental, falou do ataque sem dó nem piedade que a Petrobrás vem fazendo sobre o ecossistema e do vazamento de óleo que houve no ano anterior (2008) ali na baía. *Aqui, meu filho, se você não tiver braço e perna de ferro e alma fibrosenta de mulher, mãe e trabalhadeira você vai gemer quem cabrito. A gente ama essa terra porque ela vem dos nossos pretos e pretas velhas que nos ensinaram a viver do manguezal. Fugiram do chicote, vieram pro quilombo e gritaram liberdade com os pés afundados no mangue. O manguezal é o nosso grito de pátria livre. Mas num é muito fácil não.* Eu sabia que seu Terto gostava de ouvir sua mulher falar sobre o trabalho de marisqueira. Seus olhos verdes soltavam uma espécie de fásca.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.